



**Redações Mdiatizadas – o jornalismo em processo de
mediatização¹**
**Mediatized Newsrooms – journalism in the process of
mediatization**

Marcio Morrison Kaviski Marcellino

Palavras-chave: Jornalismo Mdiatizado; Redação Mdiatizada; Ambiência.

O presente artigo é um recorte da minha pesquisa doutoral em andamento (2020 – 2024) que tem como objetivo compreender de que forma as relações entre jornalistas e dispositivos móveis, características de um cenário de mediação, remodelam as práticas e as redações jornalísticas. Nessa perspectiva, o uso do verbo remodelar implica que os processos jornalísticos, em um contexto em processo de mediação, dentro das redações ainda são os mesmos. Ou seja, o jornalista ainda é responsável por apurar as informações, produzir textos, tirar fotografias, entre outras funções. Porém, ao mesmo tempo, essas práticas são transformadas por lógicas que afetam as redações.

Como percurso metodológico a pesquisa realizou uma etnografia em uma redação de jornalismo no Brasil durante duas semanas consecutivas. A etnografia, enquanto movimento metodológico, nos permite adentrar as idiosincrasias de um contexto. Nesse sentido, o processo etnográfico realizado enquanto sujeito-pesquisador me proporcionou compreender de que forma a mediação opera suas lógicas no jornalismo.

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Eliseo Veron e Martine Levasseur (1989), ao utilizarem a etnografia para observarem uma exposição, afirmam que observar o comportamento dos indivíduos é fundamental para diferenciar as singularidades de cada um. “A comparação entre o comportamento de um indivíduo no corredor e o seu comportamento na sala grande parece ser fundamental para diferenciar os tipos de visitas” (VERON; LEVASSEUR, 1989, p. 36). A ideia de Veron e Levasseur, portanto, pode ser inserida no contexto desta pesquisa. Observar de que forma cada um dos jornalistas se comporta no ambiente será fundamental para determinar de que forma e que práticas emergem das relações simbióticas individualmente, isso é essencial para compreender o fenômeno como um todo.

Nesse sentido, a proposta de Veron e Levasseur (1989) é importante para a tese pois ela não compreende apenas os indivíduos, mas toma o espaço físico e a circulação como fatores determinantes para a equação final da análise. O que estamos olhando, portanto, é o modo de fazer enquanto processualidade que envolve também o ambiente (contexto), atores sociais, jornalistas e o espaço físico (redação).

A partir disso, Veron e Lavesseur (1989) apontam a importância entre a distinção entre as gramáticas de produção e reconhecimento no percurso etnográfico. Para os autores, o reconhecimento é resultado das propriedades significativas do discurso e das apropriações do sujeito.

Nosso levantamento etnográfico sobre a exposição “Férias na França” sublinha a importância da distinção entre produção e reconhecimento na análise de um meio e mostra que o reconhecimento não é mais dedutível de uma descrição da estrutura do discurso em questão, do que sempre, ao contrário, o resultado complexo do encontro entre as propriedades significativas do discurso e a estratégia de apropriação do sujeito receptor (VERON; LEVASSEUR, 1989, p. 49).

A redação escolhida para realizar o percurso metodológico foi o Paraná Portal, em Curitiba, Paraná. Para compreender o melhor funcionamento da redação, dividimos a observação em duas etapas. A primeira ocorreu no período da manhã durante a



semana de 20 de Novembro a 24 de Novembro de 2023. As observações seguiram do período entre 7h30min até 12h00min. A segunda etapa foi realizada no período da tarde na semana entre os dias 27 de Novembro de 2023 e 1 de Dezembro de 2023 e, em média, o processo se deu entre 12h30min à 17h00min. A divisão entre semanas e horários distintos se deu justamente pela necessidade de observar as lógicas e operações de mediação na totalidade do funcionamento da redação e das práticas jornalísticas.

Observação manhã

Durante o período da manhã, dois jornalistas ocupam a redação: Mirian Villa e Rafael Nascimento. O primeiro a chegar no local de trabalho é Rafael, por volta das 7 horas da manhã. Uma hora depois, Mirian chega. Além do Paraná Portal, Mirian trabalha no período da tarde na BandNewsFM. Ou seja, os comportamentos da jornalista e as interações que perpassam suas relações enquanto sujeita estão imbricadas em duas redações que residem no mesmo ambiente físico, aqui o jornalista é multimidiático.

Enquanto pesquisador, o que me chamou a atenção é justamente o que sobressai nas interações entre os profissionais. Nas falas, nas sobras, no que vaza e que vai além da observação está o que transcende a materialidade em si e toma corpo para um estado em que há uma "resposta" para os questionamentos feitos pela pesquisa.

Isso foi possível observar logo no primeiro contato com o Rafael. Logo após Mirian chegar na redação, logo de manhã, as primeiras interações entre ela e Rafael são sempre sobre como está a situação do Portal e o que aconteceu no cotidiano de cada um. Rafael, portanto, em conversa com a Mirian, afirmou que bateu seu carro durante a manhã pois estava acompanhando o grupo do WhatsApp da Polícia Rodoviária Federal para checar as informações. Nesse mesmo momento, Mirian perguntou sobre como havia sido o acidente e Rafael falou que estava olhando o celular e os grupos do WhatsApp e achou que o carro da frente havia acelerado após a abertura do sinal verde do semáforo. Após alguns minutos de conversa sobre o caso, Mirian brincou que Rafael



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

estava tentando ajudar na minha tese e que o caso era bem “o que eu estava procurando”. O caso do jornalista nos leva a duas inferências principais que permeiam as discussões que abordaremos neste capítulo. A primeira delas, que o aplicativo do WhatsApp funciona como uma extensão do trabalho do profissional. O segundo ponto está justamente nos meandros da própria profissão – o jornalista deve se informar o tempo inteiro e, com isso, não há divisão do horário de trabalho. Nesse sentido, a relação entre jornalista e dispositivos móveis está inserida como parte cotidiana de uma ambiência que é midiaticada, em que as práticas e os processos sociais são constantemente alterados por lógicas de midiaticação.

Seguindo a primeira inferência descrita no parágrafo acima, fica evidente que o uso do aplicativo WhatsApp é essencial para que as práticas jornalísticas da redação sigam em fluxo. Primeiro, pela mudança direta que o jornalista agora tem com a fonte. Muito se discutiu sobre o jornalismo midiaticado a partir da mudança da perspectiva de um ator social ativo (Fausto Neto, 2009). Aqui a discussão vai além, não só o ator social é ativo como a interação do jornalista com suas fontes de informação perpassa por grupos online, alterando essas relações enquanto dispositivos interacionais (Braga, 2020). Em diversos momentos da observação, Rafael e Mirian conversaram sobre mensagens recebidas em grupos como o da Polícia Civil ou Prefeitura de Curitiba. Além disso, em outros momentos os dois jornalistas alertaram para pautas que receberam por meio do WhatsApp – seja de um determinado ator social ou da própria coordenadora de jornalismo.

A partir disso, abordaremos outra inferência: a redação em ambiente online. Constantemente, Mirian e Rafael se referiam aos grupos da redação e, principalmente, para as interações que ocorriam dentro do grupo: jornalistas que produziam determinada pauta, conversas internas como escalas de plantão, discussão sobre reportagens, etc. Parte dessa extensão para o ambiente online está estruturada em duas esferas. A primeira delas com a pandemia de covid-19, é notório que os grupos já existiam antes da crise de saúde global, porém, a partir das tensões e necessidades criadas pela



pandemia, o processo de utilizar o grupo para uma função multitarefa se consolidou. O segundo ponto está justamente na oportunidade dos jornalistas em não precisarem estar no espaço físico da redação durante os fins de semana. Com o plantão sendo realizado em qualquer local, houve uma necessidade de adaptação na forma não somente para produzir as matérias, mas para afinar as interações.

Outro ponto relevante da observação é que o ambiente de interação online vai para além dos espaços e discursos de trabalho, ele é também utilizado para questões pessoais dos profissionais. Em vários momentos, Mirian e Rafael comentaram sobre mensagens no grupo do “amigo secreto” do final de ano, por exemplo. Em outras palavras, o WhatsApp vai além de uma extensão da redação, ele é extensão da relação. A partir disso percebemos outra lógica midiaticizada que é alterada, há um jogo complexo de feedbacks, de trocas, entre os atores em processo.

Observação tarde

Durante o turno da tarde, a redação contava com três jornalistas trabalhando: Francine Lopes, Pedro Melo e Angelo Sfair. O primeiro ponto que me chamou a atenção, no entanto, foi com o jornalista Pedro Melo. Pedro é responsável por cobrir apenas esportes na redação. Ou seja, o foco de suas reportagens está em cobrir apenas uma editoria. Por ser responsável por cobrir os jogos, coletivas de imprensa de clubes e eventos *in-loco*, Pedro se adequa ao “jornalista clássico”. Mesmo assim, durante a observação, o *smartphone* e os dispositivos, de uma forma geral, pareciam ser essenciais em suas práticas diárias. No segundo dia de observação, por exemplo, Pedro havia voltado de uma coletiva de imprensa e estava, além do computador da redação, com um notebook e um celular. Em suas práticas diárias, assim como os outros jornalistas, o WhatsApp era um aliado para buscar informações e trocar fontes com outros profissionais, o que me fez perceber que mesmo os jornalistas que atuam fora da redação utilizam essa extensão como parte cotidiana de suas práticas.



Os grupos de WhatsApp das redações também fazem parte das práticas que permeiam o modo de trabalho da jornalista Francine Lopes. A jornalista era sempre a primeira a entrar no período da tarde, logo após o almoço, às 13h. Por isso, durante uma hora, eu me concentrava em observar seus métodos de produção e a forma que os dispositivos móveis eram usados. Em diversos momentos, Francine questionava os outros membros da redação, como Mirian, sobre seu processo de construção da reportagem: se o título estava adequado, se a fotografia ficava condizente com a proposta da pauta. O que vemos nesse caso, portanto, não é apenas uma extensão da redação de jornalismo que agora ocupa o ambiente online, vemos também uma extensão das interações de trabalho, de quem somos e o que pensamos.

O papel de Angelo da redação me recordou o do antigo editor chefe, todos os dias Pedro Melo e Francine Lopes conversaram com Angelo sobre que horas poderiam agendar suas reportagens para o período da noite. Em determinado dia, Angelo pediu para Pedro um contato de um advogado do STJD a pedido de Lorena. Prontamente, Pedro avisou que estaria enviando o contato por WhatsApp e que a fonte era ótima pois “respondia sempre”. É possível observar, portanto, que as interações e relações acontecem ao mesmo tempo no ambiente online e offline, não há uma linha de separação entre os dois momentos, ou seja, as lógicas midiatizadas são híbridas.

Sobre as redes sociais, tanto no período da manhã quanto no da tarde, há um duplo processo de inserção. Primeiro, todos os profissionais, após escreverem suas reportagens, são responsáveis por alimentarem o Facebook e o X do portal de notícias. Por outro lado, redes sociais como Tiktok e Instagram não parecem ter o mesmo peso no processo de divulgação das notícias. Em um segundo momento, as redes sociais e os conteúdos presentes parecem servir como alternativa para as discussões e construção das reportagens, trago dois exemplos; Francine Lopes, ao utilizar uma fotografia de câmera de segurança, percebeu que imagem ficou distorcida no carrossel. Durante alguns minutos Francine buscou no Instagram da Polícia Rodoviária Federal ou a partir de tags alguma fotografia que pudesse ocupar o lugar do print da câmera de segurança.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Ou seja, aqui as redes sociais alimentam como conteúdo as funções jornalísticas; em um segundo momento, conversando com Mirian Villa, debatemos sobre como um caso estava sendo comentado pela população no X. Naquele dia, Mirian disse que iria acompanhar o caso para o Portal pois as discussões nas redes estavam crescendo. No dia seguinte, o caso era considerado uma das matérias do dia e estava saindo em todos os jornais da cidade, televisão, rádio e portais. Em outras palavras, os debates existentes entre os atores sociais nas redes sociais são de suma importância para as práticas e os processos jornalísticos, aqui está a discussão de Antônio Fausto Neto (2009, 2018) e Ana Paula da Rosa (2016) sobre os atores sociais ativos no processo e sobre Fagia Midiática.

Considerações

Em primeiro momento, foi possível observar que, no período da manhã, os jornalistas do Paraná Portal utilizam seus dispositivos móveis como uma extensão da própria redação e da profissão do jornalista. Há simbiose presente que mostra que os atores em processo estão imbricados em lógicas midiatizadas em que os dispositivos móveis são primordiais para o fazer jornalístico. Os grupos de WhatsApp concentram não apenas os contatos com as fontes, mas as próprias interações e engrenagens que fazem o processo da redação funcionar. Como próxima etapa, analisamos de que forma esses processos acontecem na redação no período da tarde.

O que observamos no período da tarde, em adição com a prévia estudada no período da manhã, é que a redação do Paraná Portal se tornou uma redação midiatizada, um espaço de interação desterritorial que emerge das relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis e das necessidades de uma ambiência em processo de midiatização a partir de aplicativos como o WhatsApp. Nessas condições, as lógicas de midiatização que incidem entre os atores em processos tensionam novas práticas sociais. Em outras palavras, as práticas sociais nas redações também estão midiatizadas.



Referências

- BRAGA, José Luiz. **Uma conversa sobre dispositivos**. Ensaios. UFMG, 2020.
- FAUSTO NETO, Antônio. **A circulação além das bordas**. Mediatización, sociedad y sentido, 2009.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Circulação: trajetos conceituais**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.
- ROSA, Ana Paula. **Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens**. Revista Interin, Curitiba. V.21, n.2, p.60-81, jul/dez, 2016.
- VERON, Eliseo; LEVASSEUR, Martine. **Etnografía de una exposición**. Paris, biblioteca pública de informação, 1989, p.61-.p96.